

BENJAMIN BLACK

O PECADO
DE CHRISTINE

Tradução de Lia Wyler

Rocco

Parte I

1

Não eram os mortos que pareciam a Quirke sinistros, mas os vivos. Quando entrou no necrotério muito depois da meia-noite e viu Malachy Griffin ali, ele sentiu um arrepio na coluna vertebral que se provaria profético, um tremor de problemas futuros. Mal estava em sua sala, sentado à escrivaninha. Quirke parou na sala dos corpos às escuras, entre as formas amortalhadas em macas, e observou-o através da porta aberta. Estava sentado de costas para a porta, curvado atentamente para frente com seus óculos de aros de aço, a luz da escrivaninha iluminando o lado esquerdo do seu rosto e projetando uma feia claridade rosa no pavilhão da orelha. Tinha uma pasta de arquivo aberta sobre a escrivaninha, e escrevia nela com sua peculiar falta de jeito. Isto teria parecido a Quirke mais estranho ainda se não estivesse bêbedo. A cena despertou nele uma lembrança de Mal nos tempos de escola, juntos, assustadoramente nítida, em que ele igualmente atento, sentado a uma carteira entre outros cinquenta alunos diligentes em um salão silencioso, redigia penosamente uma redação para uma prova, com um raio de sol incidindo em ângulo sobre ele, vindo de uma janela no alto. Um quarto de século mais tarde, ele ainda tinha aquela cabeça lisa de foca com os cabelos negros oleosos escrupulosamente penteados e repartidos.

Sentindo uma presença às suas costas, Mal virou a cabeça e espiou para as sombras escuras da sala de corpos. Quirke aguardou um momento e então se adiantou um pouco hesitante para o portal iluminado.

– Quirke – disse Mal ao reconhecê-lo, aliviado, deixando escapar um suspiro de exasperação. – Pelo amor de Deus.

Mal estava em trajes de noite, mas pouco caracteristicamente desabotoados, a gravata-borboleta solta e o colarinho da camisa branca aberto. Quirke, apalpando os bolsos à procura de cigarros, observou-o, registrando o modo com que ele rapidamente pôs o braço sobre a pasta, para escondê-la, e mais uma vez se lembrou da escola.

– Trabalhando até tarde? – perguntou Quirke, e deu um sorriso torto, a bebida lhe permitindo pensar que estava sendo espirituoso.

– Que está fazendo aqui? – indagou Mal, alto demais, fingindo não ter ouvido a pergunta. Empurrou os óculos para a ponte suada do nariz com um piparote. Estava nervoso.

Quirke apontou para o teto.

– Festa. Lá em cima.

Mal assumiu sua expressão de especialista, enrugando a testa autoritariamente.

– Festa? Que festa?

– Brenda Rutledge – informou Quirke. – Uma das enfermeiras. Uma despedida.

As rugas de Mal se aprofundaram.

– Rutledge?

De repente Quirke se sentiu entediado. Perguntou a Mal se teria um cigarro, pois aparentemente não lhe restava nenhum, mas Mal tampouco deu atenção a essa pergunta. Levantou-se, recolheu agilmente a pasta ainda tentando escondê-la sob o braço. Quirke, embora tivesse que apertar os olhos, viu o nome escrito em uma caligrafia graúda sobre a capa: *Christine Falls*. A caneta de Mal estava sobre a escrivaninha, uma Parker, grossa, preta e brilhante, com pena de ouro, sem dúvida, vinte e dois quilates, ou mais se fosse possível; Mal gostava de coisas luxuosas, era uma de suas poucas fraquezas.

– Como vai a Sarah? – perguntou Quirke. Ele se deixou arriar de lado pesadamente até seu ombro encontrar apoio no umbral da porta. Sentia-se tonto e tudo adernava para a esquerda piscando. Achava-se naquele ponto deplorável depois de beber demais e saber que não havia nada a fazer exceto aguardar os efeitos passarem. Mal estava de costas para ele, guardando a pasta em uma gaveta do alto arquivo cinzento.

– Ela vai bem – respondeu Mal. – Estivemos em um jantar dos Cavaleiros. Mandei-a de táxi para casa.

– Cavaleiros? – repetiu Quirke, arregalando os olhos turvos.

Mal se virou para ele, uma expressão vazia nos olhos, as lentes dos óculos cintilando.

– De São Patrício. Como se você não soubesse.

– Ah – exclamou Quirke. – Certo. – Ele parecia estar tentando não rir. – Enfim, não se preocupe comigo, que está fazendo aqui embaixo entre os mortos?

Mal tinha um jeito de arregalar os olhos e aprumar sinuosamente o corpo magro e comprido, como se dançasse à música de flauta de um encantador de serpentes. Quirke tinha que se maravilhar, e não era a primeira vez, com o lustro daquela cabeleira, a lisura da testa sob ela, o perfeito azul metálico dos seus olhos por trás das lentes de cristal.

– Tinha uma coisa para fazer – disse Mal. – Uma coisa para verificar.

– Que coisa?

Mal não respondeu. Estudou Quirke e notou como estava bêbedo, e um brilho frio de alívio perpassou o seu olhar.

– Você deveria ir para casa.

Quirke pensou em contestar – o necrotério era seu território –, mas, por outro lado, perdeu repentinamente todo o interesse. Sacudiu os ombros, e, com Mal ainda a observá-lo, virou-se e saiu cos-

teando as macas com corpos. Na metade da sala, tropeçou e levou a mão rapidamente à borda de uma das macas para se firmar, porém conseguiu apenas agarrar o lençol que soltou de sua mão com um lampejo branco e farfalhante. Ele ficou impressionado com a friagem pegajosa do náilon; parecia humana ao toque, como uma dobra gelada de pele exangue. O cadáver era de uma jovem mulher, magra, de cabelos louros; fora bonita, mas a morte roubara suas feições e agora ela poderia ser uma escultura de pedra-sabão, primitiva e descolorida. Alguma coisa, talvez o seu instinto de patologista, lhe disse qual seria o seu nome antes mesmo de olhar para a etiqueta amarrada no dedo do pé.

– Christine Falls – murmurou ele. – Recebeu um nome condizente. – Olhando-a mais atentamente, reparou nas raízes escuras dos seus cabelos, na testa e nas têmporas: morta, e nem mesmo uma loura verdadeira.

Ele acordou horas mais tarde, encolhido de lado com a sensação vaga, mas insistente, de uma catástrofe iminente. Não tinha lembrança de se deitar ali entre os cadáveres. Estava enregelado até os ossos, e sua gravata torta o enforcava. Ele se sentou pigarreando; quanto teria bebido primeiro no McGonagle's e depois na festa lá em cima? A porta para a sala estava aberta – certamente havia sonhado que Mal estivera lá? Girou as pernas para o chão e levantou-se desajeitado. Estava meio tonto, como se o topo da cabeça tivesse sido retirado. Erguendo um braço, saudou solenemente as macas, à moda romana, e saiu da sala caminhando enrijecido e inclinado.

As paredes do corredor eram verde-fosco e as molduras e radiadores estavam grossos com as várias demãos de um amarelo biliar, acetinado e glutinoso menos semelhante a tinta do que a um mingau encaroçado. Ele parou ao pé da escada curva incoerentemente

majestosa – o edifício fora originalmente um clube para homens ricos e elegantes da Regência – e se surpreendeu ao ouvir o ruído indistinto de festa ainda permeando do quinto andar. Pôs um pé na escada, a mão no corrimão, mas tornou a parar. Jovens médicos, acadêmicos de medicina, enfermeiras musculosas até os calcanhares: não, obrigado, já bastava, e, além do mais, os homens jovens não o tinham querido na festa. Ele seguiu andando pelo corredor. Teve uma premonição da ressaca que o aguardava, marreta e tenazes em posição. Na sala do porteiro noturno, ao lado das portas duplas e altas da entrada principal, um rádio tocava baixo e sem ouvinte. Quirke cantarolou a música baixinho. *It's a Sin to Tell a Lie*. Ora, sem dúvida era verdade.

Quando desembocou nos degraus da entrada, o porteiro estava lá com o seu guarda-pó marrom, fumando um cigarro e contemplando o dia raiar de má vontade por trás da cúpula de Four Courts. Era um sujeitinho bem cuidado, de óculos, cabelos secos e um nariz arrebitado cuja ponta mexia. Na rua quieta e escura, um automóvel passou lentamente.

– Bom-dia, porteiro – disse Quirke.

O porteiro riu.

– O senhor sabe que o meu nome não é porteiro, sr. Quirke.

– O modo como aquele tufo seco de cabelos castanhos estava repuxado com vigor para trás lhe emprestava um ar de permanente, constrangida desconfiança. Um rato rabugento, o homem.

– Tem razão, você é o porteiro, mas seu nome não é porteiro.

– Por trás de Four Courts agora uma nuvem azul-escuro de aspecto sinistro começara a subir devagarinho pelo céu, eclipsando a luz de um sol ainda invisível. Quirke virou a gola do paletó para cima, perguntando-se vagamente que fim levava a capa de chuva que agora lembrava estar usando quando começara a beber, horas antes.

E que fim levava sua cigarreira? – Você teria um cigarro para me emprestar? – perguntou.

O porteiro puxou um maço.

– São apenas Woodbines, sr. Quirke.

Quirke tirou um cigarro e se curvou para a chama protegida do isqueiro do homem, saboreando o breve e leve fedor de alcatrão queimando. Ergueu o rosto para o céu e inspirou profundamente a fumaça acre. Que delícia era a primeira tragada cáustica do dia. A tampa do isqueiro retiniu quando ele a fechou. Em seguida, precisou tossir, produzindo um som rascante na garganta.

– Pô, porteiro – disse ele, com a voz falhando –, como consegue fumar isso? Não vai demorar muito para eu ver você em cima da mesa de pedra lá dentro. Quando eu abrir você, os seus bofes vão parecer arenques defumados.

O porteiro tornou a rir, uma risadinha nervosa e aspirada. Quirke afastou-se dele abruptamente. Ao descer os degraus, sentiu nos nervos das costas o olhar sério do homem seguindo-o mal intencionado. O que ele não sentiu foi outro olhar melancólico vindo de uma janela iluminada seis andares acima, onde formas indistintas e festivas ainda se entrelaçavam e se abaixavam.

Rajadas da silenciosa chuva de verão acinzentavam as árvores de Merrion Square. Quirke apressou o passo, conservando-se colado às grades como se elas pudessem protegê-lo, as lapelas do paletó apertadas junto à garganta. Ainda era cedo demais para os empregados de escritórios, e a rua larga estava deserta, sem carros à vista, e, se não fosse pela chuva, ele poderia enxergar sem obstáculos até a igreja de Peppercanister, que sempre lhe parecia, vista ao longe na extensa e miserável rua Upper Mount, ter sido construída em um ângulo ligeiramente inclinado. No aglomerado de chaminés, algumas soltavam fiapos de fumaça; o verão estava quase no fim, havia uma nova friagem no ar. Mas quem acendera aquelas lareiras tão

cedo? Haveria ainda arrumadeiras para carregar o balde de carvão do porão para os andares acima antes do amanhecer? Ele mirou as altas janelas, pensando em todos aqueles quartos na penumbra ocupados por gente despertando, bocejando, se levantando para tomar café, ou virando-se para o outro lado para aproveitar mais meia hora no calor úmido de suas camas. Certa vez, em outro amanhecer estival, passando por ali, ele ouvira de uma daquelas janelas os gritos de uma mulher em êxtase que chegavam à rua. Que aguda pontada de compaixão ele sentira por si mesmo então, caminhando solitário pela rua, antes que o dia dos outros começasse; aguda, dolorosa, mas prazerosa também, porque, em segredo, Quirke apreciava sua solidão como um sinal de distinção.

No hall de entrada de sua casa havia o habitual odor que ele jamais conseguia identificar, pardacento, exaurido, uma aragem da infância, se infância fosse a palavra para aquela primeira década de pobreza que ele suportara. Subiu pesadamente a escada com os passos de um homem subindo à força, chapinhando os sapatos encharcados. Alcançara o patamar da escada no primeiro andar quando ouviu uma porta no hall abrir; ele parou, suspirou.

– Uma barulheira horrível à noite passada. – O sr. Poole falou para o alto acusadoramente. – Não preguei o olho.

Quirke se virou. Poole estava parado de lado na porta entreaberta do apartamento, nem para fora nem para dentro, sua postura habitual, com uma expressão ao mesmo tempo truculenta e tímida. Era madrugador, se de fato chegava a dormir alguma noite. Usava um pulôver sem mangas e uma gravata de laço pronto, calça de sarja bem vincada, chinelos cinzentos de pano. Ele se parecia, sempre lembrava Quirke, com o pai de um piloto de caça em um daqueles filmes sobre a Batalha da Inglaterra ou, melhor ainda, o pai da namorada de um piloto de caça.

– Bom-dia, sr. Poole – cumprimentou Quirke com distante cortesia; o sujeito era muitas vezes uma fonte de amena distração, mas o humor de Quirke de manhã tão cedo não era nada ameno.

O olho claro de gaivota de Poole brilhou vingativamente. Ele tinha um jeito de rilhar a mandíbula de um lado para o outro.

– A noite toda, sem descanso – disse ele agastado. Os outros apartamentos na casa estavam desocupados, exceto pelo de Quirke no terceiro andar, contudo Poole regularmente se queixava de ruídos noturnos. – Uma baderna assustadora, banguê, banguê, banguê.

Quirke assentiu.

– Terrível. Eu passei a noite fora.

Poole virou-se para a sala às suas costas, tornou a erguer os olhos para Quirke.

– É a patroa que se incomoda – disse, baixando a voz em um sussurro –, não eu. – Esse era um ângulo novo. A sra. Poole, raramente vista, era uma pessoa miúda com uma expressão furtiva e assustada; era de fato, Quirke sabia, profundamente surda. – Fiz uma queixa enérgica. *Espero que tomem uma providência*, disse a eles.

– Muito bem.

Poole apertou os olhos suspeitando ironia:

– Veremos – disse ameaçador. – Veremos.

Quirke continuou a subir a escada. Estava à porta do apartamento quando ouviu Poole fechar a dele.

Havia um ar frio pouco convidativo na sala de estar, onde a chuva murmurava para as duas janelas altas, relíquias de uma era mais próspera, que, a despeito da falta de cor do dia, estavam sempre cobertas de muda radiância, misteriosamente desanimadora na opinião de Quirke. Ele abriu uma cigareira de prata sobre o console da lareira, mas encontrou-a vazia. Ajoelhou-se sobre uma perna e, com dificuldade, acendeu a lareira a gás com a pequena chama do isqueiro. Com desagrado, notou sua capa de chuva seca, atirada sobre o espaldar de uma cadeira, onde estivera o tempo

todo. Ele se pôs de pé com excessiva rapidez e por um momento viu estrelas. Quando a vista clareou, estava de frente para uma fotografia em uma moldura de tartaruga sobre o console: Mal Griffin, Sarah, ele próprio aos vinte anos e sua futura mulher Delia, apontando risonha a raquete para a máquina, todos em trajes brancos, de tênis, avançando de braços dados para a claridade do sol. Quirke percebeu, levemente assustado, que não conseguia lembrar onde a foto fora tirada; Boston, supunha, devia ter sido Boston – mas teriam jogado tênis em Boston?

Ele despiu o terno molhado, pôs um roupão e se sentou descalço diante da lareira. Correu o olhar pela sala ampla, de pé-direito alto, e sorriu sem alegria: seus livros, suas reproduções, seu tapete turco: sua vida. No início da escalada dos quarenta anos, ele era dez anos mais moço do que o século. A década de 1950 prometera uma nova era de prosperidade para todos, mas não estavam vivendo aquela promessa. O seu olhar pousou em um boneco articulado para desenhistas, com trinta centímetros de altura, feito de madeira, sobre a baixa mesinha do telefone ao lado da janela, suas pernas móveis dispostas como se caminhasse. Ele desviou o olhar, enrugando a testa, então, com um suspiro de irritação, se ergueu e articulou o modelo para refletir uma atitude de desolada humilhação que combinava melhor com o seu abatimento matinal e crescente ressaca. Depois voltou à cadeira e tornou a sentar. A chuva parou e fez-se silêncio, exceto pelo silvo do bico de gás. Os olhos escaldavam e lhe davam a sensação de terem sido cozidos; ele os fechou, e estremeceu quando as pálpebras se uniram, trocando com suas bordas inflamadas um leve e horrendo beijo. Mentalmente ele reviu com nitidez aquele momento na foto: a grama, o sol, as grandes árvores aquecidas e os quatro avançando juntos, jovens, esbeltos e sorridentes. Onde fora? Onde? E quem estivera por trás da lente da máquina?